

PASTA 6 / 1988 / DANÇAS / COLECÇÃO J.N.BRETÃO

SAGA DOS CORTE-REAIS

Argumento para dança de Páscoa, da autoria de: António Mendes

Santa Bárbara, 7 de Março de 1988

SAUDAÇÃO

Mestre

Ó que prazer para nós
Encontrar a todos vós
A viver esta alegria,
Com a garganta ainda quente
Desse canto estridente
A que chamam aleluia.

Coro

Porque é Páscoa o povo canta
Mais um hino de louvor,
E não se canse a garganta
De louvor o Redentor.

Mestre

Queremos uma vez mais
As boas festas pascais
A toso vos transmitir.
Pois Jesus ressuscitado
Nos libertou do pecado
Para o céu nos garantir.

Coro

E com as festas pascais
Uma luz forte irradia
É ela que uma vez mais
Nossas almas alumia.

Mestre

E essa ressurreição
Fez com que o homem cristão
Mais fiel agora é
Para aquele que acredita,
Se Jesus não ressuscita
Era vã a nossa fé.

Coro

É bom que nos alegremos
Vendo Jesus triunfar
Também como Ele havemos
Um dia ressuscitar.

Mestre

Do martírio dum calvário

À ternura dum sacrário
Se mede o maior amor.
Só por muito amar Jesus
Abraçou a sua cruz,
Sendo Ele Rei e Senhor.

Coro

Quem abraça a sua cruz
Com todo o suplício seu,
Imita aquele Jesus
Que unido a ela morreu.

Mestre

Alegra-se a Natureza;
Desabrocha mais beleza;
Nasce o lírio, nasce a palma
E a Ilha Terceira canta,
Porque a alegria é tanta
Que invade a nossa alma.

Coro

Porque é Páscoa e primavera,
Mais se alegra a Natureza.
Ó que prazer Deus nos dera
Vendo toda esta beleza.

Mestre

Este povo já cantava
Outrora quando mandava
Suas naus por esses mares
Em dramáticos momentos,
Agitando pensamentos
Nas façanhas invulgares.

Coro

Se corre nas nossas veias
Sangue de heróis e de santos
As maiores epopeias
Foram de hosanas e cantos.

ALUSÃO AO TEMA

Mestre

Da Terceira as naus partiram
Por mares não navegados
E outras terras descobriram
Os nossos antepassados.

Coro

Por mares não navegados
Os terceirenses também
Navegaram empenhados

Na expansão da Pátria Mãe.

Mestre

Assim os Corte-Reais
Vivem em nossa memória
E ficaram imortais
Nas páginas da nossa história.

Coro

Marinheiros corajosos,
Saídos do nosso povo,
Chegaram, audaciosos,
Às terras do Mundo Novo.

Narrador

Uns tantos navegadores
Chamados Corte-Reais,
Eram tidos por leais
E da Pátria servidores,
Com a arte de navegar.
João Vaz Corte Real
Quis El-Rei recompensar,
Porque ele chegou afinal,
À longínqua Terra Nova;
E porque deu uma prova
De um feito audacioso,
Logo sua Majestade,
Num gesto algo bondoso
Ante uma alma aventureira,
Lhe entrega uma metade
Do Governo da Terceira.
Nesta ilha se instalou
Com mais nautas criaturas
E daqui impulsionou
Outras novas aventuras.

D. Manuel I

João Vaz Corte Real,
Reconheço os teus valores
Na arte de navegar.
E pelo teu nobre ideal,
Da Rerceira, dos Açores,
Descobriste Terra Nova
Nas Índias Ocidentais,
E tal feito nos comprova
De que lá existem mais.

João Corte Real

Obrigado, Majestade,
Por me querer recompensar.
Mas é da minha vontade
Novas terras encontrar.

Tenho filhos que também
A mesma arte já tem
E podem continuar
Lá no meio do Oceano
Onde a ilha se situa,
Se me concede outro plano
A aventura continua.

D. Manuel I

Te dou carta desde já
Para nova expedição,
Que possa sair de lá
Sob a tua orientação.

Coro

Então na Ilha Terceira,
Qual sentinela avançada,
Mora a alma aventureira
Duma Pátria idolatrada.

Na arte de navegar
Há mais figuras despertas
Que tentam continuar
Na senda das descobertas.

Gaspar C. Real

Sabei meu pai que eu penso
Como vós em navegar;
Enfrentar o mar imenso
E outras terras desvendar.

João C. Real

Me orgulho do teu pensar,
Revelador de bom senso.
Pois El-Rei já me deu carta
Para nova expedição.
Me orgulho que um filho parta
Com ela noutra missão.
Nós temos que insistir,
De maneira consciente,
Para as Índias descobrir,
Navegando a Ocidente.

Gaspar C. Real

Se longe pudeste ir,
Tentarei ir mais à frente.
Entendo que as caravelas
Cá podem ser construídas...

João C. Real

Como tantas, fortes belas...
Lá de Lisboa saídas.

Gaspar C. Real

Julgo que a baía de Angra
Tem praia que é o bastante...

João C. Real

Ali onde a terra sangra
Naquele ribeiro constante.
Eu vou mandar construir
Os navios que hão-de ir
Contigo a lugar distante.

Coro

Em epopeias tão belas,
No mundo jamais vividas,
Partiram as caravelas
Na Terceira construídas.

Assim o cedro cheiroso
Nascido no chão da ilha,
Dá o aspecto cavernoso
No fazer de cada quilha.

Narrador

Linho que foi semeado
Com dupla finalidade,
Que hás-de ser recordado
Com a mais viva saudade.
Te deram forma os teares
Desta Ilha de Jesus,
P'ra ires por esses mares
Ostentando a sua cruz.
Terra de epopeias belas
Que a Pátria soubeste honrar,
Teu seio deu caravelas
E grande heróis do mar;
Do teu linho se fez velas
E da tua fé um altar.

(As mulheres terceirenses bordam a cruz nas velas)**Do Folclore da Ilha Terceira**

Ó meu bem se tu te fores,
Com dizem que te vais,
Deixa-me o teu nome escrito
Numa pedrinha do cais.

Coro

Lá vai nas velas a cruz,
Símbolo da paixão de Cristo.
Oxalá levem a luz
A quem nunca a tenha visto.

Levam o símbolo sagrado
Duma Pátria aventureira
E o trabalho abençoado
Das mulheres da Terceira.

Padre Franciscano

(Benção das caravelas)

Dignai-vos abençoar
Estes navios que vão
Agora enfrentar o mar
Numa sagrada missão;
E porque é espinhosa,
Entregue os seus tripulantes
À protecção amorosa
Do Senhor do Navegantes,
P'ra que salvos possam ir
Em busca de outras vidas
E a nossa fé expandir
Em terras desconhecidas.
Enen. (Asperge com água benta)

Gaspar C. Real

Adeus mãe adeus pai.
Vou partir, mas vou contente.
Sinto que a minha alma vai
Na aventura consciente.
Rezem por mim, queridos pais
Que eu hei-de voltar um dia
A pisar com alegria
As negras pedras do cais.

Noiva de Gaspar C. Real

Já que pensas em deixar
Esta Ilha dos Amores,
Eu ficarei a chorar
Ó meu bem, se tu te fores.
Saudades irei sentir
Como sentiram jamais,
Se te chegares a ir
Como dizem que te vais.
Por tanto amar, na verdade
Meu coração fica aflito.
Para matar a saudade
Deixa-me o teu nome escrito.
Pois vou olhar sempre o mar,
Como um velhinho arrais,
Sentadinha a chorar
Numa pedrinha do cais...

Coro

As caravelas lá vão

Com destino ao Ocidente;
Tenham de Deus protecção,
E a prece desta gente.

Temendo certa amargura,
Acabamos por rezar,
Mas na vida da aventura
Nosso destino é o mar.

João C. Real

Miguel, teu irmão Gaspar
Partiu, não mais voltou.
Terá morrido no mar?
Será que terra encontrou?
Acaso sentes desejo
De ir em sua procura?
Parece que ainda o vejo
Planeando essa aventura!...

Miguel C. Real

Se é da sua opinião,
Logo da minha é também,
Ir procurar meu irmão
Nessas paragens de além.
Não me afligem as agruras
Que afectam o ser humano:
Sonho só em aventuras
Por esse vasto oceano.

João C. Real

Já que o teu coração brota
Uma tamanha coragem,
Prepara já tua frota,
De Lisboa toma a rota,
Empreendendo a viagem.
Vai. Pede licença a El-Rei
Para ires em procura
Do irmão que eu te dei
E me causa esta amargura.

(Ouve-se em fundo a música da moda regional terceirense) “O Samaciao”.

Miguel C. Real

Ouvi, El-Rei, meu Senhor:
Sou Miguel Corte Real.
Meu irmão navegador,
Foi e não veio afinal;
Navegou para o Ocidente
Tal e qual como meu pai.
Estará vivo ou doente?
Terá visto outra gente?

Por quanto amais, tomai
Uma nobre decisão
E este servo mandai
Em procura do irmão.

D. Manuel I

Reconheço os sentimentos
Do teu nobre coração.
Prepara teus mantimentos,
Se para tal tens proventos,
E procura teu irmão.
A terra que descobrires
O teu nome há-de ter
E quantas gentes tu vires
Submissas te hão-de ser.

Coro

Lá vai Miguel empenhado
Em encontrar o irmão;
Pelo Rei recomendado
Numa tão nobre missão.

A América seu destino
Oxalá possa chegar
E no rochedo mais fino
Seu próprio nome gravar.

Narrador

(Miguel C. Real junto da pedra de Digton)

Sobre este navegador
Nada se veio a saber
E só hoje o seu valor
Se realça, podeis crer;
Pois da América veio a ser
O primeiro descobridor
Foi uma pedra encontrada
Com o seu nome gravado
E a sara comprovada
Em que deve ter chegado
Se com os Índios se achou
Bem ao mal, nós não sabemos
Mas o seu nome ficou,
E disso a certeza temos
Que diga o Torre do Tombo
Das glórias de Portugal
E que antes de Colombo
Lá esteve o Corte Real.

(Ouve-se a fusão dos hinos americano e português)

Coro

Quando se encontra outra raça,
Nasce certa timidez,
Mas a alegria trespassa
O coração português.

Para nada se banir
Da mente das criaturas,
Bem pode a rocha servir
Para narrar aventuras.

João C. Real

(No leito, gravemente doente, torturado pela saudade)

Nunca pensei que chegasse
A viver tal ansiedade...
Nunca pensei que matasse
Tão depressa a saudade...
Gaspar, Miguel, filhos queridos
Onde estarão estas horas?...
Decerto no mar perdidos
E eu sem sentir melhoras...

Mulher de João C. Real

Não lamenteis mais, João,
Porque essa tua amargura
Me flagela o coração
E me cava a sepultura.
Bom padre, reza por ele!
Pede por quem tanto ama
E sempre pensou naquele
Que do céu vê este drama.

Padre Franciscano

Estou fazendo ao bom Jesus
Orações simples, mas belas,
Por quem mandou sua cruz
Nos mastros das caravelas.
Fazei senhor, que este filho
Veja os filhos que enviou;
Esses que eram todo o brilho
Do olhar que os contemplou.

Vasco C. Real

Fica tranquilo meu pai
Em mim podes confiar.
Pois este teu filho vai
Os teus filhos procurar.

João C. Real

Para mim tarde será,
Mas vai que eu morro contente.

Vasco C. Real

Ó meu pai, Deus os trará
E alegria ainda dará
A quem está tão doente

(Morre João Corte Real)**Sua mulher**

João... querido João...-
Morreste!... ó que amargura

Vasco C. Real

Ó pai do meu coração,
Não dês tal desventura!...

Procuraste dilatar
O Império Português,
Dominando esse mar
P'ra que eu diga outra vez:
Ditosa a Pátria que tem
Destes filhos do seu seio,
Que a projectam para além
Do mais recôndito meio.
Pois teu nome há-de ficar
Na lista dos imortais,
Quando a história o narrar
Nas aventuras do mar,
Lembrando os Corte-Reais.

Adeus meu pai muito amado;
Que tão sede me deixaste;
Aceita o símbolo sagrado
Da Pátria que tanto amaste.

(João Corte Real morre com o pensamento nos seus filhos e nas terras para onde navegou e eles navegaram também: Canadá e América do Norte. Por isso, num gesto de pura ficção, surge um esquimó, totalmente revestido de peles, que cobre o seu corpo com a Bandeira do Canadá, sendo seguido de um índio americano que o corpo de seu pai com a Bandeira Nacional Portuguesa, acentuando-se neste momento o fundo musical que vinha decorrendo durante esta cena, com a música da saudade).

Coro

Para se honrar a memória
Dum valente português,
Só cantando a sua glória
Por quanto de nobre fez.

Morre o homem fica a fama

Que a história lembrará,
A qual será como chama
Que jamais se apagará.

Vasco C. Real

Me apresento, Majestade
Sou Vasco Corte Real
Venho com a finalidade
De à vossa augusta vontade
Submeter o meu ideal
Meus irmãos, Miguel, Gaspar
Partiram nas descobertas.
Nenhum chegou a voltar;
Andam perdidos no mar
Ou noutras terras desertas
Meu pai morreu de saudade
Por causa dessa aventura
Rogo a Vossa Majestade
Que me deixe por bondade,
Partir em sua procura.

D. Manuel I

Pois não admito que partas
Nem que os vás procurar
Não me orgulho por dar cartas
A quem se perde no mar.

Vasco C. Real

Senhor, podem ter chegado
A terras desconhecidas
Poderia o meu cuidado
Ir salvar as suas vidas.

D. Manuel I

Vasco, não me rogues mais
Por outro plano falhado.
E quanto aos Corte-Reais
Fica o assunto encerrado.

Vasco C. Real

Se pensais dessa maneira,
Faça-se a vossa vontade,
Que eu vou para a Ilha Terceira
Chorar a minha saudade.

Noite (Poema de Fernando Pessoa)

A nau de um deles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à pátria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.
Como a um cativo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ânsia
Fitando a proibida azul distância.

(Vasco C. Real continua a recitar o poema)

Senhor, os dois irmãos do nosso nome
O poder e o renome
Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com eles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil
Nossa prisão servil;
É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ânsia,
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

Coro

Vasco não chega a partir.
O Rei vontade não tem.
Bem poderia ele ir
E por lá ficar também.

Resta que a mãe dolorosa
Sobre o caso ainda pense
E interceda, carinhosa,
Para ver se o Rei convence.

Viúva de João C/Real

Senhora, venho implorar
A vossa interceção
Pedi a El-Rei para deixar
Meu filho ir procurar,
Com o seu nobre coração,
Dois filhos que andam perdidos;
Foram em nobre missão.
Quem sabe se estarão
Entre os gentios detidos.

Rainha (Esposa de D. Manuel)

Compreendo todo o afecto
Desse coração de mãe.
E se El-Rei não foi correcto,
Meu instinto predileto
Sua arrogância detém.

(Para uma dama)

Chamai El-Rei, meu senhor,
Que eu lhe pretendo falar.

(Para a viúva de J. C. Real)

Fique calma, por favor.
Tudo bem há-de acabar.

D. Manuel I

Senhora, porque me chama?
Algum assunto importante?

Rainha

Meu senhor, se bem me ama
Ouça um rogo angustiante;

Já sabe que estão perdidos
Dois filhos desta mulher,
Corte.Reais destemidos.
Resta-lhe um filho que quer
Partir em sua procura
Não se trata de aventura
Nem de viagem qualquer.

D. Manuel I

Seu filho Vasco já veio
Tudo isso me pedir,
Mas logo procurei meio
De tal proeza impedir.

Rainha

Meu senhor, terás receio
De tal coisa consentir?

D. Manuel I

Receio que esta mãe,
Que já perdeu seu marido
E apenas um filho tem,
Em breve o veja perdido.

Rainha

O nosso rei tem razão.
Se o nega é por prudência,
E que o vosso coração
Tal sofra com paciência.

Agora a sério reparo
Na viuvez que a molesta.
Pois guarde para seu amparo
Este filho que lhe resta.

D. Manuel I

Sim. É o único que resta
Dos nautas Corte-Reais,
Por isso a Pátria lhe presta
As honras imperiais.

Vasco C. Real

Minha figura modesta
Bem dispensa glórias tais.

D. Manuel I

Mas quero ver-te a meu lado
Recebendo uma homenagem.

Rainha

Senhora, tenha coragem
Aceite um concelho dado.

De fracos não reza a história.
Mas só de heróis e de santos.

D. Manuel I

Por isso se canta a glória
Que esquece mágoas e prantos.

HINO DOS CORTE REAIS

(Letra de Silva Tavares)

Cantemos Portugal oh! Portugueses!
- Esta pequena praia ocidental
Que deu mundos ao mundo e tantas vezes,
Ganhou seus nobres foros d'imortal.

Cantemos o valor audaz e forte;
- João, Miguel, Gaspar Corte Real,
Que a América correram Sul a Norte
Muito antes de Colombo e de Cabral.

Coro

Pátria de heróis e de santos;
Soldados Navegadores
E de sábios, afinal,
- Não é de mais entretantos
Colocar entre os maiores
Os nautas Corte Real!

Essa grande proeza – grande e ousada!

Que a história mal regista irresoluta,
Tem sido pelo tempo respeitada
Em Dighton, bem gravada em pedra bruta.

Mas doutras descobertas deram prova
Batendo o imenso mar de cá p'ra lá,
E aportando à Groenlândia, Terra Nova,
Labrador, Terra Verde e Canadá!

DESPEDIDA – Mestre

Os heróis são imortais,
Jamais se apagam da história.
Viram que os Corte Reais
Estão na lista dos tais
Que nos bailam na memória.

Coro

Quem diria que à Terceira
Tal facto estava ligado;
Não é só hospitaleira,
Foi também aventureira
Pelos feitos do passado.

Mestre

A predileta amizade
Com a América e Canadá,
Se baseia na verdade
Numa história de saudade
Que sempre nos honrará.

Coro

A Terceira orgulho tem
De quase poder dizer,
Que foi como a Pátria mãe
Dessas nações que ninguém
Da mente nos faz perder.

Mestre

Agora nos apartamos
Com o adeus dum cantiga,
Mas também felizes vamos
P'lo abraço que deixamos
Duma Santa Bárbara amiga.

Coro

Vamos partir, não faz mal,
Que a amizade nos sacia
E por ter magia tal,
Faz que a alegria pascal
Seja o pão de cada dia.

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Fátima Oliveira, a partir do documento
existente na Colecção JNB.
Angra do Heroísmo, Março de 2003.